

Mãe e filho em campo: Costurando uma experiência etnográfica

JOSÉ ROLFRAN TAVARES 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Paranacirim, RN, Brasil
srolfran@hotmail.com

FRANCISCA DAS CHAGAS DE SOUZA TAVARES 

Parnacirim, RN, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v33i1pe218454

resumo Esse texto é a síntese de uma conversa do autor e da coautora sobre a produção conjunta das atividades de campo durante a elaboração da dissertação de Rolfran de Souza Tavares, pois nela o autor convidou sua mãe (a coautora, Francisca de Souza Tavares) para o auxiliar. Isso ocorreu devido ele desejar fazer uma aproximação agradável e comprometida com as colaboradoras da pesquisa, mulheres que maternavam jovens negros e tiveram um de seus tutelados assassinados. Naquele estudo o interesse era compreender as noções de segurança pública delas e suas articulações para salvar os filhos, imaginando que esse assunto poderia gerar grande desconforto emocional, o pesquisador inseriu uma das pessoas que considerava legitimada por elas para mediar contatos dessa natureza, sua mãe, pois as mulheres com quem trabalharam habitavam o mesmo território onde o autor e a coautora residem, já tendo interações cotidianas sobre a prática de maternagem com Francisca.

palavras-chave Trabalho de Campo; Estratégias Metodológicas; Antropologia Colaborativa; Etnografia.

With my mother in the field: Weaving an ethnographic experience

abstract This text is a summary of a conversation between the author and the co-author about their joint production of field activities during the preparation of Rolfran de Souza Tavares's dissertation. In this work, the author invited his mother (the co-author, Francisca de Souza Tavares) to assist him. This decision was made because he wanted to approach the research collaborators, women who mothered young Black men and had lost one of their wards to violence, in a pleasant and committed manner. The study aimed to understand their notions of public safety and their efforts to protect their children. Anticipating that this subject could cause significant emotional discomfort, the researcher involved someone considered legitimate by these women to mediate such contacts—his mother. The women with whom they worked lived in the same area as the author and co-author and had daily interactions with Francisca regarding the practice of motherhood.

keywords Fieldwork; Methodological Strategies; Collaborative Anthropology; Ethnography.

Introdução

Esse texto é um relato da vivência do autor e da coautora enquanto mãe e filho que produziram um trabalho de campo em conjunto. Isso se deu porque: com o objetivo de fazer uma aproximação agradável e comprometida com as mulheres que ajudaram a elaborar minha dissertação (Tavares, 2021), eu convidei minha mãe, Francisca das Chagas de Souza Tavares, para assessorar na produção de materiais que seriam utilizados junto as



e218454

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i1pe218454>

colaboradoras da pesquisa, mediar as atividades de campo e refletir sobre o observado durante a interação com aquelas mulheres.

As mulheres que ajudaram a elaborar aquela dissertação eram sujeitos que maternavam jovens negros e tiveram um de seus tutelados assassinados,¹ todas residentes no conjunto de bairros periféricos onde residimos eu e Francisca, que fica localizado na cidade de Parnamirim/RN, região metropolitana de Natal/RN. Naquele trabalho o interesse era compreender as noções de segurança pública delas e suas articulações para salvaguardar os filhos.

Imaginava que provocar o diálogo sobre esse assunto poderia gerar um grande desconforto emocional, pois estaria as convidando para oralizar experiências cortadas pela perda de um parente que estava sob seus cuidados, além de as lembrar que havia a possibilidade de algo semelhante ocorrer com os demais jovens negros que elas maternavam.² Meu imperativo ético então era como produzir a pesquisa sem inflamar possíveis sofrimentos, por isso compreendi que uma das alternativas era deixar que alguém legitimada para acessar determinados conteúdos das vivências delas pudesse mediar os contatos, já que minhas reflexões sobre as dinâmicas socioculturais locais me levavam a crer que, incluindo alguém que oferecia uma escuta previamente lida como empática, provavelmente isso faria dos encontros um momento de acolhimento.

Essas considerações me impulsionaram a convidar minha mãe a compor o trabalho de campo, visto que ela maternava jovens negros nessa localidade há mais de uma década, além de participar de comunidades religiosas cristãs protestantes que algumas daquelas mulheres também compunham e de as encontrar frequentemente nos percursos ou instituições onde buscavam atendimento para os cuidados a si e sua parentela, espaços e momentos nos quais elas já tinham dialogado sobre as temáticas com as quais eu trabalharia.

Esse texto é o resultado da síntese de uma conversa entre eu e minha mãe, na qual ouvi as colocações dela sobre minhas considerações quanto a compartilharmos o campo, sendo por isso um esforço para trazer a partir de dois ângulos uma experiência de antropologia colaborativa.

Entre mãe e filho, um campo tecido a dois

Eu e minha mãe trabalhamos juntos desde a produção dos instrumentos que seriam usados com as colaboradoras da pesquisa. Um dos pontos mais significativos que Francisca me ofereceu nessa fase foi o pedido para modificação sobre a indagação quanto ao perfil

¹ Há uma complexa relação de parentesco no meu campo, pois nele as mulheres que têm sob seus cuidados crianças, adolescentes e jovens de sua família e que não são suas progenitoras, como é o caso das irmãs mais velhas, costumam não se denominar como mães delas/deles, fazendo isso apenas em momentos específicos para facilitar a comunicação sobre o grau de responsabilidade ou vinculação afetiva dela em relação a tal sujeito. Essa é a razão para alguns dos pupilos das minhas colaboradoras de pesquisa aparecerem no meu trabalho como tutelados e outros como filhos.

² Conforme já discorri em trabalhos anteriores “a prática da maternagem é entendida na literatura consultada como a ação de cuidado a sujeitos que estão sob a responsabilidade de alguém. É importante que não seja confundida com maternidade, pois nem sempre quem exerce a maternagem é a pessoa que pariu. No caso da minha pesquisa, duas das mulheres que exerciam a maternagem a jovens negros se apresentavam como suas irmãs” (TAVARES, 2023: p. 3).

racial dos filhos das mulheres com quem trabalharíamos, orientação ocorrida no momento em que produzíamos um questionário que seria aplicado a elas.

Francisca me alertou a usar expressões acessíveis e que reduzissem a possibilidade de constrangimentos, pois caso perguntasse se alguém se reivindicava racialmente como sendo negro/negra ou tendo familiares negros/negras podia ser entendido como racismo, devido ao acúmulo de discriminações que sujeitos categorizados assim sofrem, nesse sentido, podia soar ofensivo perguntar se os/as “filhos/filhas” de uma mulher eram negros/negras; por isso ela pediu para que usasse meus marcadores fenotípicos como referência, assim as pessoas com quem estivéssemos dialogando estabeleceriam uma gradação que iria nos dar uma noção sobre a racialidade de quem elas queriam se remeter, com expressões como: “igual a você”, “mais clarinho que você” ou “mais escurinho”. Dessa troca se definiu a pergunta para o questionário como: essas pessoas têm a cor parecida com a minha?

Esse apontamento viabilizou a maneira apropriada de realizar a pergunta e permitiu que eu e Francisca situássemos nossos corpos em campo, apresentando a proximidade das nossas características físicas com as dos filhos das colaboradoras, conduzindo-nos para uma maior abertura intersubjetiva com elas.

Em campo eu e Francisca nos deparamos com pessoas que estavam em diferentes estados psicoemocionais, o que nos demandava diferentes abordagens, na maior parte dos momentos Francisca protagonizou a reflexão sobre qual deveria ser a medida para o contato. Ela era minuciosa não só com as expressões orais e corporais das mulheres, mas também com os elementos que compunham o cenário das residências delas. Lurdes foi a colaboradora que mais identificamos expressando angústia pela morte do tutelado durante os primeiros contatos, ela sempre chorava ao lembrar do assassinato do irmão adotivo que criara como filho mais velho, quase sempre falando mantendo o rosto baixo e o olhar concentrado em sua aliança, acessório que ela ficava rodando no dedo com o auxílio da outra mão.

Meses depois, ao retornarmos a casa de Lurdes, Francisca percebeu que ela tinha feito da área de entrada da casa, lugar onde nos recebia, um espaço de comercialização de produtos de higiene pessoal, instalando prateleiras onde eram expostas algumas colônias. Francisca pediu para que eu comprasse um dos artigos, não compreendi o motivo naquele momento, visto que não precisávamos daquela mercadoria e sabíamos de outro lugar perto das nossas residências onde era vendido o mesmo item mais barato, porém, através de uma troca de olhares percebi que existia um objetivo que posteriormente me seria revelado, por isso compreendi.

No caminho de volta para casa, Francisca me lembrou que nos primeiros contatos Lurdes não falava sobre projetos para o futuro e sempre dava a entender que estava insegura quanto a continuidade das atividades que exercia, o que nos deixava preocupada/preocupado com a saúde mental dela, por essa razão quando Francisca viu que ela tinha organizado um espaço de venda em casa percebeu que aquilo poderia sinalizar uma melhora, logo na sua lógica comprar a colônia com aquela colaboradora era uma maneira de a “estimular” nesse possível processo de cura. Para além da colônia solicitada que eu comprasse, Francisca também recordava de como aquele vão da casa havia sido alterado dando aspectos de maior vitalidade ao domicílio, tendo as paredes pintadas de azul cor do céu e sendo reabitado

enquanto espaço de trânsito dos membros da família, que ela recordava que nos primeiros contatos das atividades de campo não acessavam a casa por ali e sim por um corredor lateral.

Esse tipo de conexão estabelecida entre Francisca e Lurdes foi semelhante a que houve entre ela e todas as demais mulheres que colaboraram com a pesquisa, sendo um elo que tinha como traço marcante o compartilhamento da dor por vivenciar situações degradantes no exercício da maternagem no território em que o campo se deu, por isso o conceito de “dororidade” proposto por Vilma Piedade (2017) caberia bem ao vínculo que as unia. Entretanto cabe destacar que na dissertação eu também observei que a “dororidade” podia ser aplicada à ligação de Francisca com uma colaboradora (Diana) que passava por uma situação penosa decorrente da rotulação dela como abjeta, que ocorria por seus comportamentos serem julgados pelas pessoas da região em que residimos como desviantes.

Diana morava sozinha com o filho mais novo, o mais velho tinha sido assassinado há por volta de um ano. Após a morte do tutelado, Diana passou por uma terapia medicamentosa que tirou a possibilidade de ela reagir como habitualmente a determinadas situações, relatando inclusive que quase havia sido atropelada por estar “andando e dormi no meio da rua”. Ao observar os riscos desse tratamento, ela deixou de confiar nos serviços de saúde mental do município. Para lidar com os desconfortos emocionais Diana informou que, ao fim do dia, bebia, assistia desenhos animados e chorava até dormir. No entanto, essa escolha a submetia a severas críticas na nossa região, na percepção dela oriundas principalmente das “fofocas dos crentes” por a verem “quase todo dia com uma latinha de cana”.

Quando Diana proferiu esse relato, Francisca a apoiou afirmando que “te julgam [as/os evangélicas/evangélicos] porque não sabem o que você passa”, essa frase era uma demonstração de profunda empatia, pois Francisca estava se contrapondo a uma atitude dos/das seus/suas irmãos/irmãs de fé para se solidarizar com as angústias que levavam Diana a uma prática cotidiana que sob outras circunstâncias Francisca também repudiava, algo que para mim só ocorria devido a “dororidade” que as conectava.

Diana chocava com a crueza com que lidava com as precariedades que identificava e a insuficiência das resoluções estatais que supostamente existiam para elas, ela falava do que a desagradava de forma direta e cobrava assertivamente o que desejava, muitas vezes demandando apenas respeito pelo que havia definido como mais satisfatório para sobreviver a determinada situação. Na vizinhança eu e Francisca ouvíamos recorrentemente que o jeito dela se comunicar era “grosseiro”, inclusive Francisca chegou a pedir que eu tivesse paciência para lidar com possíveis respostas ríspidas que ela poderia nos dar em campo.

Não recordo de interações com Diana que me ofenderam, mas houve um diálogo em que tive dificuldade de ficar fisicamente estável enquanto conversávamos. Isso ocorreu quando Diana me contava sobre as dificuldades de continuar lidando com as atividades rotineiras, laborais e domésticas, apesar dos sofrimentos que carregava. Ela relatava aquilo me olhando nos olhos, com uma postura que projetava a cabeça em direção a mim, eu estava com o olhar fixo nela há algum tempo e a escutava como se só houvesse nós dois na sala, ela me relatava da tristeza de ter perdido o filho, trabalhar em dois empregos, organizar sua casa, não ter ajuda de nenhum familiar (inclusive do filho que morava com ela) e ser apontada como “louca” pela vizinhança, tudo dito com a voz rouca que ela tem e uma

seriedade que parecia ser de alguém que entendeu que não tem opção além de continuar mesmo que as coisas sejam péssimas. Estar tão concentrado naquela performance fez com que minha visão periférica começasse a escurecer, fui centrando o foco da minha vista cada vez mais somente no rosto de Diana, até que ela falou “você sabe como isso dói?” e deu um gotto seco, ficando calada depois. Não sabia o que responder e comecei a sentir que meu corpo estava desfalecendo, parecendo que perdia as forças, então Francisca falou “tenho uma garrafa de café que posso te dar” e subitamente meus sentidos foram reestabelecidos.

Francisca havia falado desse recipiente térmico porque ao chegarmos na casa de Diana ela informou que não podia nos oferecer café porque estava sem um recipiente para armazenar a bebida. Na volta para casa perguntei a mãe qual era a razão dela ter interrompido a conversa com Diana para falar de algo tão aleatório, ela respondeu que percebeu que eu “estava mudando de cor” e deduziu que eu poderia desmaiar, visto que “o assunto tava pesado demais”. Por mais que na maior parte daquela interação nem estivesse tão atento a presença de Francisca em campo, ela não parava de atuar, já que, mesmo em silêncio, estava sentindo a temperatura do contato que eu tinha com Diana e atenta as minhas reações, decidindo intervir quando compreendeu que eu poderia estar no limite psíquico do que conseguia suportar sem perder a consciência. Segundo ela, em nenhuma das entrevistas ela esteve desatenta, pois mesmo segurando suas reações, em todas se emocionou, o que a levava a desconfiar da tensão das demais pessoas que integravam a atividade de campo e por isso tentar administrar as afetações que deduzia que sentiam.

Por outras motivações e de maneira diferente, Francisca me auxiliou semelhantemente a desenvolver limites em campo com Dona Dores, uma colaboradora que me demandava frequentemente ajudas para resolver suas muitas limitações socioeconômicas. Nos primeiros contatos, Dona Dores morava com uma neta e o companheiro que estava com câncer de próstata em estágio terminal, porém tinha contatos diários com um filho que morava em uma casa conjugada com a sua, a esposa dele e a neta dela, além disso, quando alguma das demais filhas tinham algum problema financeiro ou matrimonial costumavam passar uma temporada em sua residência junto as/aos netas/netos, o que ocorreu algumas vezes enquanto acontecia o campo. Todavia, segundo os relatos daquela colaboradora nas vezes em que solicitava alguma ajuda, a presença das/do filhas/filho e netas/netos não significava a contribuição para solução das demandas rotineiras da família, pelo contrário, elas/eles requeriam mais esforço dela para arcar com os custos financeiros e de cuidados que traziam consigo.

Essa situação fazia com que Dona Dores ficasse por longos períodos em sua calçada conversando com quem passava sobre seus sofrimentos e demandando qualquer tipo de ajuda, eu e Francisca fomos duas dessas pessoas. Nas primeiras interações, achei que ao dar suporte a algum dos pedidos de Dona Dores ela ponderaria antes da próxima solicitação, pois estava habituado com essa relação com as demais colaboradoras, entretanto ela sempre me requiria mais coisas após conseguir alguma alternativa para o pedido anterior. Assim me envolvi em uma teia de favores que não sabia exatamente como limitar, visto que quando dizia para ela que não podia fazer algo, ela parecia aceitar, mas demandava outra coisa e nos contatos seguintes requeria novamente o que já havia sido informada que não conseguiria através de mim, aparentando ter esquecido da recusa.

Principalmente por influência de Francisca, eu desenvolvi uma ética de respeito a coletividade que me impulsiona a sentir que sou responsável em ajudar quando sei do sofrimento de outrem e tenho condições de oferecer algum suporte, pois se não fizer isso, sou parte do problema. Minha dificuldade em estabelecer limites com Dona Dores era devido a maioria das coisas que ela me solicitava serem possíveis que fizesse, mas o volume das demandas estava tão alto que me exauria. Esse dilema ético foi superado pela orientação de Francisca para “não dá corda”, já que ela achava um exagero o “pede, pede” de Dona Dores, isso me estimulou a evitar passar na rua daquela colaboradora e, mesmo que a escutasse educadamente quando nos encontrávamos, a dar suporte pontualmente, não seguindo sua lista de demandas. Provavelmente minha mãe desinstalou com facilidade esse gatilho de mim porque foi ela quem ativou.

Mesmo com esse pedido de restrição as requisições de Dona Dores, Francisca não deixou de a ajudar e me indicar em qual momento essa ajuda era indispensável. Foi o caso de quando ocorreu a última entrevista com ela, ocasião em que Dona Dores falou muito sucintamente sobre as questões que envolviam os temas da pesquisa, devido concentrar a conversa sobre suas atuais dificuldades para ter segurança alimentar. Eu e Francisca apenas escutamos o que ela tinha a dizer, ao final do encontro Francisca me convidou para coletar alimentos na vizinhança e entregamos a Dona Dores o que conseguimos arrecadar. Francisca disse entender que o limite da colaboração deveria ser determinado pela possibilidade de execução do demandado pela própria Dona Dores, visto que só o que ela não podia fazer sem a ajuda dela ou minha era o que deveríamos nos disponibilizar para ajudar.

Para continuar a costura

Como se viu, nos recortes trazidos, se eu e minha mãe não houvésemos interagido em campo, minha a dissertação não seria possível de ser entregue, ao menos não com o conteúdo que tem. Isso porque Francisca foi fundamental para que eu me aproximasse das mulheres com quem trabalhei, entendesse suas demandas, estabelecesse limites confortáveis e oferecesse a melhor opção de suporte para o que elas me requeriam. Porém, a dissertação não foi o único resultado concreto daquela pesquisa, pois Francisca também identifica que realizar aquele trabalho a ajudou a ampliar o entendimento sobre suas potencialidades, a estimulando a retomar os estudos, com o objetivo de concluir a educação básica. Ambas conquistas nos evidenciaram a importância de um modelo de produção antropológica que valorize tudo que a/o profissional da antropologia faz se relacionando com quem contribui para que seu estudo seja realizado.

Referências bibliográficas

- TAVARES, José Rolfran. 2023. “Colhendo Os Cacos Dos corações No Olho Do furacão: Mães Enlutadas Sobrevivendo a Pandemia E Vivendo O Black Lives Matter”. *Revista Inter-Legere* 6 (37):c31804, 2023. <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2023v6n37ID31804>.
- TAVARES, José Rolfran. 2021. *Território, maternagem e extermínio da juventude negra: uma etnografia nas periferias ao oeste de Parnamirim/RN*. Dissertação (Mestrado em

Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

PIEIDADE, Vilma. 2017. *Dororidade*. São Paulo: Nós.

sobre os autores

José Rolfran Tavares

Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, é mestre e atualmente faz doutorado em Antropologia Social pelo PPGAS-UFRN. Tem dedicado maior parte da sua formação ao debate das relações raciais, conectando esse tema com a formação do Estado brasileiro, o encarceramento em massa e o extermínio da juventude negra, focando nas desigualdades educacionais e urbanas a que esse segmento é submetido. Nos últimos cinco anos, concentrou sua atenção nas dinâmicas de insegurança pública nos bairros ao oeste de Parnamirim-RN, mais recentemente, no mesmo local, também está trabalhando com os processos de formação de família e condições de subsistência no território.

Francisca das Chagas de Souza Tavares

Estudante do terceiro ano do ensino médio, modalidade de educação de jovens e adultos (EJA), na Escola Estadual Professor Arnaldo Arsenio de Azevedo. É uma agricultora aposentada que criou, junto ao companheiro, três filhos na periferia de Parnamirim-RN, cidade da região metropolitana de Natal. Foi introduzida nas atividades de pesquisa antropológica do filho mais velho, contribuindo com seus conhecimentos enquanto mulher que materna jovens negros em uma região com alto número de homicídios para pessoas com o perfil deles. Naquela oportunidade, ela também começou a aprender sobre métodos científicos, metodologias das ciências sociais e ética em campo.

Autoria: Os autores são responsáveis pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Recebido em 08/11/2023.

Aprovado para publicação em: 31/05/2024.